

TRANSLANGUAGING COMO PRÁTICA DISCURSIVA DE BRASILEIRAS E BRASILEIROS NA ARGENTINA

TRANSLANGUAGING AS DISCURSIVE PRACTICE OF BRAZILIANS IN ARGENTINA

BARBARA DA SILVA SANTANA LOPES
Universidad Nacional de La Plata
Argentina
barbarasslopes@gmail.com

EN LA LETRA, AMBIGUA SELVA
El ritmo de lo escrito
es el ritmo del que escribe,
y el texto, el poema
en parte mecanismo verbal,
en parte sistema de correspondencias,
es con el mundo una sola entidad
(Alberto Girri 1919 – 1991)

No intuito de legitimar práticas linguísticas dinâmicas em que se observa o uso fluido de duas ou mais línguas, propomos um olhar desvinculado das categorias hegemônicas monolíngues para dar lugar a um estudo sobre a comunicação efetiva no que concerne ao uso do repertório linguístico das e dos falantes. Para este trabalho, nos apoiaremos nos estudos desenvolvidos por Ofelia Garcia e Ricardo Otheguy (2015) para estudar o caso de brasileiras e brasileiros que vivem em Buenos Aires e Gran Buenos Aires onde se observa esta prática comunicativa entre grupos que compartilham os mesmos recursos discursivos na construção de significado. Para tal dispomos de um material autêntico, que consideramos relevante, coletado para uma pesquisa de tese de doutorado. Nesta prática vemos o emergir de uma identidade conformada por migrantes em constante negociação com seu repertório linguístico para otimizar seu discurso na constituição do eu pelo outro.

Palavras-chave: identidade, discurso, *translanguaging*

With the intention of legitimizing dynamic linguistic practices in which it's possible to observe the fluidity between two or more languages, we propose a view detached from monolingual hegemonic categories in order to enhance effective communication concerning the use of linguistic repertoire of speakers. In our study, we follow the investigations

developed by Ofelia Garcia and Ricardo Otheguy (2015) in which they study Brazilians who live in Buenos Aires and Gran Buenos Aires, observing this communicative practice between groups who share the same discursive resources in their construction of meaning. To analyze that, we make use of original material that was collected as part of a Doctorate thesis. In this practice, we can see the emergence of an identity conformed by migrants that constantly negotiate with their own linguistic repertoires in order to optimize their discourse, by which they constitute their self for the other.

Keywords: Identity, discourse, *translanguaging*

Recibido: 23 agosto 2019

Aceptado: 17 octubre 2019

1. INTRODUÇÃO

O assunto que vamos apresentar neste artigo está relacionado com uma tese de doutorado, que está em andamento na Universidade Nacional de La Plata, mas que já dispõe de uma análise feita a partir de dados empíricos. Nosso material é autêntico e consiste em emissões de brasileiros e brasileiras¹ que moram na Argentina e praticam um bilinguismo diário e dinâmico que em muitas situações de índole pragmática parecem favorecer o uso de uma prática motivada pelo contato linguístico que, neste caso, chamaremos *translanguaging*, pois coincidimos com a ideia de que

a translanguagem oferece uma maneira de capturar e expandir práticas complexas de falantes que trazem inscritos em seus corpos um repertório linguístico formado não por sistemas autônomos, mas sim, por uma ação que gera trans-sistemas semióticos.

(Lucena *et al.*, 2016: 49)

Para este estudo encontramos na disciplina Etnopragmática, que oferece a Escola Linguística de Columbia, um marco teórico apropriado pois ampara os estudos da variação causada pelo contato linguístico (Garcia 1995; Martinez 2009, 2010, 2015). Apoiamo-nos, também, nos trabalhos desenvolvidos pela professora Elvira Narvaja de Arnoux (2010) sobre glotopolítica, uma vez que o contato linguístico que nos interessa analisar, acreditamos, está relacionado com a promulgação de uma lei que estabelece o ensino da língua portuguesa na Argentina e da língua espanhola no Brasil. Sabemos, hoje, que esta lei não foi necessariamente executada por ambos países, no entanto incentivou a criação de cursos de formação docente para atender a uma possível demanda de ensino/aprendizagem em contextos formais. Neste trabalho não menos importantes são os estudos de Ofelia Garcia e Li Wei (2014) e Ricardo Otheguy *et al.* (2015) que propõem uma pedagogia baseada na *translanguaging*.

¹ Posicionamo-nos a favor da linguagem inclusiva, no entanto nosso corpus está conformado por falantes que se identificam com os gêneros masculino e feminino. Deste modo tentaremos, sempre que possível, não generalizar com o uso do masculino atendendo a uma reivindicação política de pessoas que se identificam com o gênero feminino e se sentem representadas com as marcas gramaticais e morfológicas de gênero.

Além do marco teórico exposto, observamos a necessidade de se pensar uma teoria capaz de contemplar este fenômeno desapegada da ideia monolíngue, ou seja, que não limite e remarque uma fronteira baseada na língua². Alguns linguistas aplicados como Magda Soares (2002) e Marcelo Buzato (2009) colocaram luz na porosidade desta fronteira ao valorizar a comunicação que acontece através dos meios de comunicação mediados pela internet e da importância de sermos letrados digitais para manter práticas sociais de leitura e escrita no mundo globalizado, lugar onde as línguas já circulam de maneira fluída.

São muitos os elementos que podemos observar na prática comunicativa que conforma nosso *corpus*: vemos que a variação linguística afeta o léxico, a morfossintaxe e também a fonologia, no entanto, neste trabalho, o enfoque será na emissão como um todo para que possamos ver como se configura este discurso que revela uma identidade em trânsito. Nesta prática discursiva vemos o emergir de uma identidade conformada por migrantes em constante negociação com as línguas para otimizar seu discurso na constituição do eu pelo outro.

Na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular.

(Bakhtin *et al.*, 2004: 95)

Nossas observações nos levaram a questionar se o contato entre as línguas portuguesa e espanhola está colaborando com a aparição de uma nova forma de construir significado efetivo entre brasileiros e brasileiras que residem na Argentina. Para a análise do nosso *corpus* aproximaremos, portanto, a disciplina Etnopragmática dos estudos translinguísticos para melhor abordar o caso observado. Os estudos qualitativos de variação oferecidos pela etnoprágmatca nos permitem interpretar as estratégias comunicativas dos/das falantes considerando também a cultura que permeia determinada comunidade linguística, já os estudos translinguísticos nos permitem legitimar práticas comunicativas onde aparece todo o repertório linguístico do/da falante. Este estudo propõe uma visão interna da língua, não externa como o são as denominações “língua portuguesa”, “língua espanhola”, etc., pois assim podemos valorizar os recursos individuais de cada falante.

O artigo está dividido da seguinte maneira: no item 2 intitulado *A Identidade: o caso de brasileiras/os na Argentina*, faremos uma menção à identidade linguística do falante; no item 3 *Proposta de análise translinguística* explicaremos a perspectiva da nossa análise; no item 4 faremos a *Descrição e análise do nosso corpus*, nele transcrevemos 3 exemplos separados por diferentes tipos de manifestações translinguísticas, o terceiro exemplo apresenta três emissões diferenciadas por *a*, *b*, e *c*. Nas *Considerações finais*, item 5, pretendemos dar respostas às questões levantadas nesta pesquisa e no item último temos as *Referências bibliográficas*.

² Embora este trabalho esteja amparado pelos estudos translinguísticos e à falta de um vocabulário que de conta da mudança de paradigma proposto por esta perspectiva, usaremos “bilinguismo”, “língua portuguesa” e “língua espanhola” para identificar a incidência de um código sobre outro.

2. A IDENTIDADE: O CASO DE BRASILEIRAS/OS NA ARGENTINA

Como mencionado, falaremos especificamente de brasileiras e brasileiros que migraram à Argentina e, naturalmente e/ou através de instancias formais de ensino, começaram a incorporar um novo código que também pode ser, além de novo, uma ampliação do próprio: aos conhecidos falsos cognatos, por exemplo, atribui-se um significado a mais a um signo já existente. Ou seja, para um falante da língua portuguesa que aprende a língua espanhola, a palavra *tráfico* deixa de estar relacionada somente com a venda de substancias ilícitas e passa a significar, também, *trânsito*.

Segundo a psicanalista Christiane Revuz “quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade de acolhida, e mais se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem”. (Revuz, 1998: 227). Discordamos da autora no que diz respeito à afirmação sobre a ordem respectiva de primeiro falar-se bem uma língua e depois pertencer à cultura, pois os estudos nos quais nos baseamos mostram um movimento contrário. Angelita Martínez, sob a perspectiva etnopragmática, a propósito da obra de Érica García, diz o seguinte (grifo nosso):

Una de ellas es la perspectiva etnopragmática. En 1995 García publica un artículo llamado “Frecuencia (relativa) de uso como síntoma de estrategias etnopragmáticas” que fue, posiblemente, la semilla de una propuesta que se ha instalado en el trabajo de otros lingüistas que intentan mostrar que *la cultura incide en la formación de gramática* y, especialmente, que la frecuencia relativa de uso puede interpretarse como el reflejo de valores y actitudes culturales.

(Martínez, 2015: 188)

Ou seja, uma vez inseridos *em* e identificados *com* uma determinada cultura, essa mesma cultura começa a operar na nossa seleção de formas gramaticais. Esta perspectiva, a nosso entender, é a que melhor explica determinados fenômenos que observamos na realização deste trabalho. No entanto, consideramos relevante a segunda parte da citação de Revuz, pois “se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem”. Ora, entrar na cultura alheia implica, em alguma medida —mesmo que por um tempo— afastar-se da própria. Ser falante bilíngue e no nosso caso de línguas próximas (aparência) embaralha um pouco a ideia de identidade nacional baseada na língua, do que é/do que seria próprio e alheio (Fanjul 2002).

Aprender otra lengua es introducirse progresivamente en esos juegos (juegos de resonancias culturales al que cada lengua está asociada) que van modelando la subjetividad en tensión y acuerdo con la lengua y la cultura propias. Esta dinámica multiplicada en el espacio sudamericano hace posible pensar en la conformación de un imaginario colectivo que sostenga el ejercicio de una nueva ciudadanía.

(Arnoux, 2010: 20)

Quando ingressamos neste jogo linguístico marcado não somente pela língua em si, mas também por aspectos culturais, parece ser inevitável que comecemos a mover as peças e, assim, investir em práticas comunicativas fazendo uso de todo repertório linguístico. Com os novos recursos oferecidos pelo(s) código(s) assimilado(s), comecemos a ocupar novos lugares de fala e escrita; vemos, aqui, um horizonte ampliado e somos atores em todo o processo: lemos, escrevemos e falamos com toda nossa bagagem. Cada um, cada uma de nós tem um repertório marcado pela vivência, pela experiência, pelo círculo social, econômico, educacional, etc. Também pelos países onde vivemos e desenvolvemos novas habilidades linguísticas, novos vínculos afetivos. É por isso que ao observar a ocorrência do contato linguístico do nosso *corpus* preferimos chamar *translanguaging*, porque esta ideologia (García 2011) respeita o repertório do/da falante numa visão interna da língua, ou seja, “A translanguagem ajuda a comunicação contingencial e possibilita o desempenho de papéis sociais, contribuindo para que os participantes vivenciem de modo intenso suas identidades” (Lucena *et al.*, 2016: 53).

3. PROPOSTA DE ANÁLISE TRANSLINGÜÍSTICA

Na descrição e análise do nosso *corpus* que veremos no próximo item, podemos observar a prática discursiva de códigos que são compartilhados e que conferem sentido ao mundo bilíngue de uma determinada comunidade, legitimando identidades que se por um lado não correspondem a uma variação estandar, por outro otimiza a comunicação entre estes/estas falantes.

A identidade do sujeito ocupa uma posição central nesta abordagem; a construção da identidade e da personalidade se fundamentam nos processos de comunicação (de intersecção) de ordem social e cultural, logo o desenvolvimento da linguagem é uma condição essencial que permite que estes processos tenham lugar. Para um melhor entendimento do estudo que faremos, faz-se necessário não confundir *translanguaging* com *code-switching*:

Mientras que el *code-switching* parte de la perspectiva de que el hablante bilingüe usa sus lenguas como dos códigos separados, el *translanguaging* parte de la perspectiva de que los hablantes bilingües cuentan con un único repertorio lingüístico del que seleccionan estratégicamente los elementos que les permiten lograr una comunicación efectiva. *Translanguaging*, por tanto, es el proceso por el cual los estudiantes (hablantes) bilingües hacen uso de los múltiples recursos que su condición de bilingües pone a su disposición.

(García *et al.*, 2014: 566)

É importante dar lugar para que essas vozes se manifestem e sejam legitimadas em contextos de índole pragmática específica; contextos que possibilitem o uso total, livre do repertório linguístico do falante. “As línguas denominadas como tais (“língua portuguesa”, “língua espanhola”, “língua francesa” etc.) não são mais do que demarcações de um real instável: a interlocução verbal entre seres humanos” (Fanjul *et al.* 2014: 13).

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS NOSSOS EXEMPLOS

Nosso *corpus* está conformado por emissões reais, retiradas de contextos informais mediadas pelo *whatsapp* e por e-mail. Pelo *whatsapp* foram coletados não somente textos escritos, mas também orais, uma vez que esta ferramenta permite gravar áudios os quais foram desgravados no exemplo 3. Os/as participantes são provenientes do Brasil estão em contato com a língua espanhola na sua variedade rio-platense, pois moram, trabalham e muitos também estudam na Argentina. Justificamos a escolha do nosso material de análise por se tratar de situações que favorecem, na maioria dos casos, o uso mais espontâneo, descuidado da língua, assim podemos observar a

habilidade que os indivíduos têm de potencializar seu repertório linguístico-semiótico contribuindo para a construção de sentidos e transformação contínua desse repertório. Conseqüentemente, as práticas de linguagem vão se desenvolvendo de acordo com os saberes de mundo exigidos nas relações e nas interações de pessoas que fazem parte de diferentes universos que constituem suas identidades bilíngues.

(Lucena *et al.*, 2016: 50)

Tentaremos mostrar em progressão a apropriação de termos, estruturas e gramaticalização da língua espanhola. Em 1 temos um e-mail enviado a mim no qual a remetente sinaliza o uso de uma expressão em espanhol, em 2 dispomos de um corpus no qual podemos observar uma comunicação híbrida, fluída e em 3 temos um corpus que nos permitirá considerar se a índole pragmática favorece a mudança de código (nestes casos, lexicais) na busca de um apelo pela sua relevância.

1. Oi, Barbara

Também subi a nota da Patrícia ao box. Assim, no final do quadrimestre, podemos calcular as médias.

Esta semana “me pongo al día” com a matérias e te envio o cronograma. bjs

Neste exemplo retirado de um e-mail enviado a mim, de uma remetente com quem mantenho um certo grau de formalidade, podemos ver que a falante faz uso de uma expressão em espanhol, mas consciente de não pertencer à língua estabelecida para a comunicação, sinaliza com as aspas o “estrangeiro”.

Neste caso nos interessa observar que a remetente considerou apropriado e significativo utilizar “me pongo al día” para satisfazer sua intenção de comunicar-me algo. Em português temos uma expressão muito parecida: “estar em dia”, mas somente o verbo *estar* contido na expressão não mantém a inferência de movimento e promessa que conserva o verbo “poner” em espanhol. Para manter o significado, teríamos que incluir um verbo a mais e ainda nos faltaria, em português, a ideia reflexiva do verbo *ponerse*, “me pongo”.

Estou em dia com meu trabalho

ou

Até dezembro estarei em dia com minhas contas.

Nas sugestões de tradução acima vemos que a expressão em português é capaz de acomodar uma intenção contida na expressão em espanhol. Poderíamos incluir um verbo e teríamos:

Prometo estar em dia...

Neste caso, nos faltaria ainda o compromisso da ação realizada e recebida pelo mesmo sujeito (reflexiva), *me coloco em/ao dia* seria impraticável na língua portuguesa. Em suma, a expressão em português não dispõe semanticamente da economia léxica que oferece o verbo *ponerse*, o que justifica a escolha feita pela remetente, afinal: 1) o código é compartilhado pelas interlocutoras, 2) é uma escolha econômica e 3) expressa de maneira objetiva o que se quer dizer.

O grau de formalidade que mantemos talvez justifique o limite posto com a utilização das aspas, nos demais exemplos coletados as emissões são mais livres. Consideramos, com este exemplo, que a *translanguaging* não compromete as exigências implicadas nos contextos de formalidade, mas sim colabora na construção de significado.

Copiamos aqui o trecho de uma conversa mediada pelo *whatsapp* na modalidade escrita. Mantivemos com fidelidade o formato com data, hora e recursos multimodais pois são recursos que colaboram com a identificação das emissões e construção de significado –elementos que nos interessam para esta análise.

2. 9/6/18 14:07 –Hablante 1: Vou chegar em casa tipo 17h. Até lá
 9/6/18 14:35 –Hablante 1: La chica ni vino y mi casa está un caos. Les.pido que no la miren, dale? 😊
 9/6/18 14:35 –Hablante 1: Vamos a pasarla bien pero en un chiquero...😊
 9/6/18 14:48 –Hablante 2: Entao, posponenos para otra fecha
 9/6/18 14:49 –Hablante 3: 🖤
 9/6/18 14:49 –Hablante 1: Pode ser mas me dá medo que nao venham...
 9/6/18 14:49 –Hablante 2: Fatima, nao vamos mais hoje. Depois vc marca uma data q te seja conveniebte e nos avisa.
 9/6/18 14:50 –Hablante 2: Diz a data e vamo a
 9/6/18 14:50 –Hablante 2: Vamis
 9/6/18 14:50 –Hablante 2: Vamos
 9/6/18 14:51 –Hablante 1: Vejamos tb com bárbara e fer teixeira...
 9/6/18 14:51 –Hablante 3: <Archivo omitido>
 9/6/18 14:52 –Hablante 2: Fatima, marque a data e avisamos as meninas

Neste exemplo podemos observar uma conversa híbrida, na qual flui uma comunicação baseada nas línguas que permeiam o cotidiano do nosso *corpus*. Neste trecho vemos uma comunicação que começa, principalmente, em espanhol e termina em português.

Embora pareça uma alternância aleatória, acreditamos que a mudança de código colabora na configuração da cena: o emissor 1 quando fala da situação da sua casa usa a língua espanhola. Como reside na Argentina, o mais provável é que suas atividades dentro de casa sejam em espanhol, esta suspeita colabora à interpretação sobre a alternância entre o português e o espanhol já nas duas primeiras mensagens emitidas pelo mesmo falante.

A nosso entender, cria-se uma imagem que nos leva a duas cenas: uma dentro e outra fora de casa. Segundo a Teoria da Acomodação (Giles *et al.* 1973), desenvolvida a partir da fala³, sempre que se faz uso de uma acomodação linguística, uso de alguma variação para aproximar o/a ouvinte, espera-se, com isso, uma recompensa por parte dos/das participantes:

O ato da acomodação pode envolver certos custos para o falante em termos de mudanças de identidade e esforço empregado. Assim, este comportamento deve ser iniciado apenas se há uma recompensa disponível

(Leite, 2011: 1022).

Neste caso podemos suspeitar que o emissor 1 (E1) quer a compreensão dos/das demais participantes porque sua casa não foi limpa para o dia do evento. Faz uso de seu domínio em letramento digital⁴ e invoca elementos multimodais, com seus potenciais semióticos, neste caso os *emojis*, para colaborar com a construção de sentido no seu discurso.

É interessante notar que, ao considerar outra ocasião para o evento, ou seja, ao mudar de assunto, volta a usar a língua portuguesa, muda a cena, “saímos” da sua casa e a conversa gira em torno da mudança do dia do encontro. Também é interessante observar o emissor 2, pois quando aparece começa sua fala em português com “*então, posponemos para outra fecha*”, palavra usada neste caso como uma interjeição, e continua em espanhol para manter o código proposto por E1. A interjeição parece funcionar como uma ruptura ou um apelo, pois depois todas as demais emissões entre os/as participantes seguem em português.

Embora possamos analisar cada emissão, elaborar hipóteses, interpretar separadamente a mudança e preferência de um código pelo outro, considerando as intenções das/dos emissores, é interessante observar que o contexto contempla a variação de forma coerente, ou seja, existem situações em que a comunicação translinguística é valorizada a favor da construção de significado e isso só é possível porque esta comunidade domina o mesmo código que, neste caso, pode ser a soma do que chamamos língua portuguesa e língua espanhola. “As práticas transidiomáticas, ou transidiomas são, portanto, facilmente reconhecíveis onde as pessoas vivenciam um multilinguismo translocal interagindo com tecnologias eletrônicas de comunicação”. (Lucena *et al.* 2016: 49).

3a. (...) com o trem do banco deu pra resolver, mas daquele jeito, né? você faz umas perguntas e aí a pessoa faz cara de paisagem procê né, a pessoa do banco e faz: “ah, então não sei, não... não sei”. Sempre me sinto boludeada, sabe? No banco...

³ Marcuschi *et al.* (2007) aproxima a fala e a escrita, separadas historicamente quanto à forma e prestígio, e demonstra que há níveis da escrita que se assemelham à fala e vice-versa, principalmente no que diz respeito à formalidade. O fragmento retirado de uma conversa pelo *whatsapp* assemelha-se muito à fala o que pode favorecer a variação apresentada.

⁴ (...) letramento é, na argumentação desenvolvida neste texto, o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. O que esta concepção acrescenta às anteriormente citadas é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (Soares, 2002: 145-146)

- 3b. Ok, gente. Obrigada e desculpem incomodar. Só que precisava saber como responder um e-mail e não queria meter la pata.
- 3c. Bom dia! Venho aqui por meio deste áudio primeiramente pedir desculpas para vossa senhoria que colguei, né? mas tá muito doida esta semana, com o intervalo desse feriado ai no meio, não entendi nada.

Nesta sessão, diferente da análise feita nos exemplos anteriores, observaremos como a incorporação de palavras e expressões da língua espanhola, em especial da variedade rio-platense, enriquece o vocabulário da comunidade analisada e otimiza a comunicação entre pares. Não foi possível transcrever toda a conversa praticada em cada exemplo dada a efemeridade que caracteriza a comunicação mediada pelo celular, no entanto consideramos relevantes as variações encontradas.

Em 3a. vemos o relato de alguém que precisava resolver um problema no banco. Conseguiu resolvê-lo, no entanto sentiu menosprezo, descaso, desdém por parte do/da atendente e, para expressar este sentimento, selecionou a palavra *boludeada* que resume toda uma ideia, vemos uma sustância semântica que está em evidência. Observamos que a palavra *boludeada* exprime duas ideias que em português veríamos descritas da seguinte maneira:

Sempre me sinto ignorada/desvalorizada, sabe?

Se consideramos a ideia “perda de tempo” que também podemos inferir na palavra *boludeada* em espanhol, na sua variedade rio-platense, teríamos:

Sempre sinto que perco meu tempo ao tentar explicar uma situação ao agente bancário.

A soma dos significados básicos da expressão em espanhol nos levaria a uma frase que supomos assim:

Sempre me sinto ignorada e que perco meu tempo, sabe?

Como afirma a professora Angelita Martínez:

La conexión entre el valor paradigmático en el sistema y uso sintagmático en el habla la establece la imaginación creativa de los hablantes que articulan (y perciben) combinaciones coherentes de formas como expresiones comunicativas.

(Martínez, 2009: 270)

Na frase original “*Sempre me sinto boludeada, sabe?*” vemos o uso de formas compartilhadas entre os/as falantes em que qualquer explicação seria desnecessária.

O mesmo acontece em 3b. onde vemos o uso de uma expressão idiomática “*meter la pata*” depois de agradecer um pedido que havia feito ao grupo. *Meter la pata* significa equivocar-se e/ou ser inconveniente. O falante compartilha a liberdade de manifestar-se livremente neste

contexto conformado por professores e professoras provenientes do Brasil, residentes na Argentina, que favorece a prática translinguística e onde tal expressão faz sentido.

É difícil precisar a razão pela qual os/as falantes em 3a. e 3b. optam por “boludeada” e “meter la pata” somente e não fazem uso de nenhum outro recurso da língua espanhola nas emissões coletadas, no entanto mostra uma pré-disposição à cultura da comunidade de acolhida, usam as expressões porque já se identificam com elas.

As práticas transidiomáticas são o resultado da copresença da fala multilíngue (exercida por falantes de/reterritorializados/as) e da mídia eletrônica, em contextos altamente estruturados por indexicalidades sociais e por códigos semióticos.

(Jacquemet, 2005: 264-265)

Não acreditamos que a escolha da forma de se expressar seja aleatória, pelo contrário, está carregada de intenções que operam na escolha e contribui para o que ser dizer. Neste sentido, Érica García (1995) confirmou que ao contrário do que propunha Labov (1983), não há variantes de uma variedade que possuam o mesmo valor de verdade, mas sim uma equivalência referencial, ou seja, maneiras diferentes de remeter-se ao mesmo referente.

Os estudos etnogramáticos e transidiomáticos também nos permitem analisar o exemplo 3-c e apreciar como o indivíduo faz uso de sua criatividade como falante e, neste caso, como conforma sua gramática a favor da necessidade comunicativa (Martínez 2010). O falante gramaticaliza com a desinência de primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo da língua portuguesa um verbo do espanhol: *Colguéi*.

Adriana Speranza (2012: 134), a propósito do uso evidencial que falantes do guarani manifestam na língua espanhola, afirma: “Los hablantes desarrollan estrategias por las cuales amplían el rango de uso de ciertas formas lo que indica una tendencia coherente por la cual se verifica la asociación entre significados básicos y contextos de uso”.

A propósito do nosso exemplo, vemos como o contexto de uso possibilitou o transvase do verbo *colgar* somando ao seu significado em espanhol a morfologia do português. Encontramos no dicionário da Real Academia Española (RAE), 17 acepções para este verbete, ou seja, trata-se de uma palavra de alta gama de índole semântica, de uso estendido na Argentina.

O contexto em que aparece esta emissão trata-se de uma resposta a um áudio enviado dias antes, o que nos leva a inferir um significado associado à demora. Em seguida aparece o advérbio *né*, contração de *no é(?)*, que incita a interlocutora a concordar com o exposto. Com os recursos da língua portuguesa, teríamos a seguinte emissão:

Demorei para responder, né?

Em espanhol o verbo *colgarse* é pronominal e é comum escutar/ler emissões do tipo: *¡Perdón, me colgué!* Quando, no nosso exemplo, ocorre a variação vemos que “el uso alternante de unidades lingüísticas no es casual ni caótico sino que responde a necesidades de los hablantes en sus intentos comunicativos” (Martínez 2009: 269). Ao aplicar a morfologia da língua portuguesa, dado o evento pragmático, o falante constrói um sentido coerente, que aproxima os interlocutores por fazer uso, de maneira criativa, de códigos comuns.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo nos permitiu começar um diálogo entre os estudos etnopragmáticos e translinguísticos a partir de uma variedade no uso da língua portuguesa observada na Argentina. Vimos alguns, exemplos de como o contato linguístico entre as línguas portuguesa e espanhola deu lugar para que novas emissões –inesperadas a partir da língua portuguesa sem contato– surgissem. Pretendemos levantar dados suficientes para um estudo quantitativo que demonstre se é uma variedade que está se conformando e quais aspectos são mais suscetíveis à mudança, se lexicais, morfossintáticos ou fonológicos. Agora pudemos observar o conjunto como um todo.

Realizamos nossa análise a partir de uma perspectiva discursiva e aplicamos as teorias de base sociolinguística para desvincular tais emissões de conceitos como “equívocos” ou mesmo “influência”, pois já não é uma influência somente, é a manifestação de um ou uma falante que incorporou um código que lhe serve para uma alta gama de contextos.

No intuito de legitimar práticas linguísticas dinâmicas em que se observa o uso fluido de duas ou mais línguas, propusemos um olhar desvinculado das categorias hegemônicas monolíngues, pois sabemos que o conceito de língua transcende a estrutura (Palacios 2014), para dar lugar a um estudo sobre a comunicação efetiva no que concerne ao uso do repertório linguístico dos/das falantes.

Observamos a prática comunicativa entre grupos que compartilham os mesmos recursos discursivos na construção de significado que neste caso chamamos de *translanguaging*. Vimos a necessidade de desenvolver teorias ao redor desta prática no intuito de legitimá-la e utilizá-la, mas também para valorizá-la como uso efetivo na comunicação entre um determinado grupo de falantes.

Os estudos oferecidos por Ofelia García (2011, 2014) que utilizamos neste trabalho estão vinculados ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Nos interessou a ênfase que García faz ao se posicionar a favor da prática bilíngue em sala de aula com o objetivo de dar voz ao alunado, permitir que se manifestem fazendo uso total da sua bagagem linguística –visão interna de língua– em todo o processo de aprendizagem até chegar à competência que se exige nos demais contextos comunicativos monolíngues –visão externa.

Assim, decidimos analisar nosso corpus como emissões discursivas para poder desterritorializar fronteiras definidas e movimentar os sentidos que “nos contituyen en tanto sujetos de un espacio habitado por lenguas, por las relaciones entre esas lenguas y por una memoria de integración” (Celada *et al.* 2010: 10) e, sob esta perspectiva, constatamos a importância de abordar questões identitárias, uma vez que desenvolver hábitos linguísticos de outro código implica uma aproximação à cultura alheia. Ao mesmo tempo que desestabiliza, porque movimenta, também amplia porque soma. Acreditamos que esta intenção ficou clara quando examinamos o exemplo 2 onde pudemos ver uma prática fluída de sujeitos que fazem uso de seu repertório linguístico e inclusive favorece uma ou outra língua em sua totalidade para enfatizar as intenções comunicativas.

Os estudos etnopragmáticos que oferece a Escola Linguística de Columbia nos possibilitaram investigar os exemplos coletados e vislumbrar como o contato não somente entre línguas, mas entre culturas motivou as variações encontradas. No exemplo 3 foi possível ver e analisar a apropriação por brasileiros e brasileiras de expressões comuns na Argentina e inclusive a gramaticalização de um verbo. Para este estudo foi importante ver e não prever, pois assim “se nos abre um iluminador caminho hacia como otras comunidades categorizan la

experiência, que puede ayudarnos a entender el comportamiento lingüístico de sus hablantes” (Martínez 2004: 363).

O estudo sobre o contato entre as línguas portuguesa e espanhola causado pela migração de brasileiros à Argentina é um desafio, no entanto encontramos bases consistentes nas teorias descritas neste trabalho para tentar descobrir o comportamento lingüístico situado nesta época. No cenário em que vivemos, de um mundo globalizado e digital, onde a comunicação é favorecida pelas tecnologias com recursos semióticos diversos, precisamos reinventar a maneira de pensar a língua e passar a considerar as “qualidades recombinantes da mistura, hibridização e crioulização lingüística” (Jacquemet 2005: 257).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- Arnoux, Elvira Narvaja de. 2010. Representaciones sociolingüísticas y construcción de identidades colectivas en el Mercosur, en Maria Teresa Celada, Adrán Pablo Fanjul e Susana Nothstein (Eds.), *Lenguas en un espacio de integración: acontecimientos, acciones, representaciones*, Buenos Aires, Biblos: 17-38.
- Bakhtin, Mikhail e V. Volochinov. 2004. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11ª. ed., São Paulo, Hucitec. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.
- Buzato, Marcelo. 2009. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC. *DELTA, Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 25 (1).
- Fanjul, Adrián. 2002. *Português-Espanhol: línguas próximas sob olhar discursivo*. São Carlos, Editora Clara Luz.
- Fanjul, Adrián Pablo e Neide Maia González (Org.). 2014. *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*, São Paulo, Parábola.
- García, Érica. 1995. Frecuencia (relativa) de uso como síntoma de estrategias etnoprágmatias, en Klaus Zimmermann (Ed.), *Lenguas en contacto en Hispanoamérica*, Frankfurt/Madrid, Vervuert/Iberoamericana: 51-72.
- García, Ofelia. 2011. *Bilingual education in the 21st century: A global perspective*, Hoboken, John Wiley & Sons.
- García, Ofelia y David Lasagabaster. 2014. Translanguaging: towards a dynamic model of bilingualism at school / Translanguaging: hacia un modelo dinámico de bilingüismo en la escuela, en *Cultura y Educación* 26 (3): 557-572.
- García, Ofelia & Li Wei. 2014. *Translanguaging: Language, bilingualism, and education*. London: Palgrave Macmillan Pivot.
- García, Ofelia & Ricardo Otheguy. 2015. Spanish and Hispanic bilingualism. In Manel Lacorte (ed.), *The Routledge handbook of Hispanic applied linguistics*, New York: Routledge: 639-658.
- Giles, Howard, D. Taylor e R. Bourhis. 1973. *Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data*. *Language in Society*, Cambridge, University Press: 177-192.
- Jacquemet, Marco. 2005. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization, en *Language and communication*, 25: 257-277.
- Labov, William. 1983. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid, Cátedra.
- Leite, Cândida Marta Britto. 2011. Atitudes lingüísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolingüística e Psicologia Social. *Estudos lingüísticos* [São Paulo], 40 (2): 1017-1028.
- Lucena, Maria Inês e André Marques do Nascimento. 2016. Práticas (trans)comunicativas contemporâneas: uma discussão sobre dois conceitos fundamentais. *Revista de Anpoll*, 40: 46-57.
- Marcuschi, Luiz e Dionísio e Ângela Paiva. 2007. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autentica.
- Martínez, Angelita. 2004. Estrategias discursivas como parámetros para el análisis lingüístico, en E. Contini-Morava, RS Kirsner y B. Rodríguez-Bachiller, *Cognitive and Communicative Approaches to Linguistic Analysis*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company: 361-380.
- Martínez, Angelita. 2010. Lenguas y variedades en contacto. Problemas teóricos y metodológicos, en *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*: 9-31.
- Martínez, Angelita. 2015. ¿Cómo afecta la cultura a la gramática?: El caso de los clíticos en el español americano. *Círculo de lingüística aplicada a la comunicación*, 61: 186-210.
- Martínez, Angelita. 2009. Metodología de la investigación lingüística: el enfoque etnoprágmatias”, en Elvira Narvaja

- de Arnoux (Dir.) *Escritura y producción de conocimiento en las carreras de posgrado*, Buenos Aires, Santiago Arcos editor: 259-286.
- Otheguy, Ricardo, Ofelia García & Wallis Reid. 2015. Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: A perspective from linguistics, in *Applied Linguistics Review*, 6 (3): 281-307.
- Palacios, Azucena. 2014. Variación y cambio lingüístico en situaciones de contacto: algunas precisiones teóricas. *Argumentos cuantitativos y argumentos cualitativos en sociolingüística. Segundo coloquio de cambio y variación lingüística*: 267-298.
- Revuz, Cristiane. 1998. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio, em: I. Signorini, *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*, São Paulo, Mercado de Letras: 213-230.
- Speranza, Adriana. 2012. Perspectivas culturales en la variación lingüística, en *Cuadernos de la ALFAL*, N° 4: 123-136.
- Soares, Magda. 2002. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura, em *Educação & Sociedade*, 23 (81): 143-160.